

---

---

## PARA ALÉM DO CORPO-OBJETO E DA REPRESENTAÇÃO INTELECTUAL: COMO MERLEAU-PONTY REDESCOBRE O CORPO COMO VEÍCULO DA EXISTÊNCIA

---

---

José Marcelo Siviero\*

**Resumo:** Este ensaio analisa as objeções elaboradas por Merleau-Ponty ao que ele chama de “paradigma cartesiano de pensamento”, ou seja, a separação entre alma e corpo. Concentrando-nos nos dois primeiros capítulos da primeira parte da *Fenomenologia da Percepção*, trata-se de identificar, nas críticas dirigidas à fisiologia mecanicista e à psicologia subjetiva, como o filósofo delega ao corpo sensível um novo estatuto filosófico, colocando-o como principal veículo da existência, ao mesmo tempo em que redescobre a experiência pré-objetiva.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty; existência; corpo; subjetividade; fisiologia.

### Introdução

A filosofia merleau-pontyana coloca o corpo como pivô da existência, como o esteio do ser no mundo. Por outro lado, esse corpo do qual fala o filósofo não é um mero aparato mecânico, um pedaço de matéria a perceber o seu mundo na simplicidade das relações lineares entre estímulos e respostas pontuais, como se sua percepção se reduzisse a um sistema de engrenagens e de mecanismos pré-engatilhados. Nem mesmo esse corpo é tão-somente invólucro para a alma, mera vestimenta material para um *Cogito* privilegiado no circuito da existência. Também de Merleau-Ponty podemos afirmar que, em sua filosofia da existência, há a desmontagem do paradigma cartesiano de separação entre alma e corpo, ou seja, que há enfim a tentativa de uma articulação entre as ordens do em-si e do para-si, sem que haja a prevalência de uma das dimensões.

---

\* Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Como o filósofo consegue superar essa dicotomia, examinando as objeções da fisiologia moderna e da psicologia clássica a essa objetivação do corpo? E, uma vez de posse de tais objeções, como ele trabalha para situar o corpo, não mais reduzido a objeto ou a representação, no centro da existência mesma?

### **1. O corpo-objeto ultrapassado a partir da fisiologia e a sua ambiguidade essencial**

O que seria, pois, a definição estrita do corpo como objeto? Para o autor, um objeto é caracterizado pelo fato de que “existe *partes extra partes* e que, por conseguinte, só admite entre suas partes ou entre si mesmo e os outros objetos relações exteriores e mecânicas.” (Merleau-Ponty 1, 111). O corpo humano tomado segundo essa definição seria, pois, um corpo percipiente no qual cada sentido ocuparia um compartimento estanque, como se fossem peças independentes: tato, visão, audição e outros não se relacionariam entre si, os dados captados por eles seriam qualidades independentes e isoladas, e para cada um dos sentidos corresponderia uma superfície ou um órgão pontual de captação. A rigor, não haveria percepção efetiva, pois os sentidos não se desdobrariam no espaço e o corpo, ao elaborar sua resposta aos estímulos do mundo, nada mais emitiria senão uma reação mecânica. Não haveria propriamente uma relação intrínseca do sujeito com seu mundo, mas tão-somente o choque entre dois elementos estranhos entre si, entre duas categorias de fenômenos tão discrepantes que a simples ideia de uma articulação por si só recairia em contrassenso e em antinomia.

Supondo-se esse corpo no qual para cada sentido corresponde uma região determinada, o que ocorreria caso tais organelas de captação fossem lesionadas? Ou mais profundamente, se a lesão se localizasse nos condutos neurais responsáveis pela sua comunicação ao cérebro, ou ainda

se fossem os centros cerebrais que estivessem prejudicados? Uma resposta mais apressada postularia a perda de certos dados sensoriais pelos danos no instrumento material responsável pela sua captação. O que não ocorre, pois, como aponta Merleau-Ponty, “as lesões dos centros e até mesmo dos condutos não se traduzem pela perda de certas qualidades sensíveis ou de certos dados sensoriais, mas por uma diferenciação da função.” (Merleau-Ponty 1, 112). Não são os dados que são perdidos, mas é a maneira pela qual a percepção deles se desdobra que é distorcida, é a maneira pela qual o corpo responde ao mundo que é adulterada.

Isso fica mais claro no exemplo citado por Merleau-Ponty, de como um doente com lesões centrais percebe as cores (cf. Merleau-Ponty 1, 112): não há uma perda efetiva da visão, o que há é uma simplificação do espectro de tonalidades as quais o olho do paciente tem acesso. Lentamente, os tons vão esmaecendo, para se limitarem ao amarelo, verde, azul e púrpura, até que por fim todas as cores se dissolvem em tons acinzentados. Assim, ao invés de interromperem a captação dos dados em cada um de seus aparatos sensórios, as lesões levam a uma “decomposição da sensibilidade”, a um distúrbio geral do corpo que afeta a organização espacial do campo perceptivo e o desdobramento do percebido. A rigor, observamos aqui pela primeira vez uma espécie de integração funcional dos sentidos corporais, o que afasta, num primeiro momento, a hipótese dum corpo organizado *partes extra partes*.

Deste modo, o que antes era exterioridade pura entre sentidos e estímulos advindos do ambiente encontra um ponto de articulação, um terreno comum. O exame da percepção alterada das cores leva a crer que a percepção do mundo exterior reclama uma participação ativa do corpo, e a estrutura deste, por sua vez, é responsável por desdobrar os dados sensoriais numa percepção efetiva e não numa resposta linear a um estímulo qualquer. Consequentemente, “a exteroceptividade exige uma

enformação dos estímulos, a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central.” (Merleau-Ponty 1, 114) Desaparece a clivagem entre o interior subjetivo e o corpo exterior; em-si e para-si se confundem na experiência do mundo percebido, a tal ponto em que não há mais distinção entre eles. Todo o corpo participa de maneira integral da percepção, e é isso o que as teses da fisiologia moderna desvelam, contribuindo para a refutação do argumento dum corpo reduzido a objeto.

Merleau-Ponty aprofunda esta problemática ao analisar os casos de pacientes acometidos pelos sintomas do membro fantasma e da anosognose. O autor os escolhe com uma intenção clara: seus distúrbios não encontram explicação plausível em nenhuma das categorias objetivas, a saber, nem do lado do funcionamento orgânico e nem do lado estritamente psicológico. Em ambos, tais explicações conduzem mais a equívocos do que a soluções.

No caso do membro fantasma, o paciente sente no coto a presença dum braço ausente, captando dados dos sentidos numa estrutura material que não mais existe em seu corpo. Além disso, para o doente o seu braço mutilado permanece na mesma posição do instante de seu ferimento, e ele até mesmo sente a dor dos estilhaços de obus que antes estiveram incrustados em seu braço real (cf. Merleau-Ponty 1, 115).

Se nos ativéssemos à explicação somática desse caso, limitar-nos-íamos a localizar o distúrbio nos condutos neurais dos cotos, e a sua secção anularia tal sintoma. Entretanto, se a manifestação desse braço fantasma fosse meramente um efeito orgânico, a anestesia pela cocaína faria sua sensibilidade desaparecer, como o faz nas outras regiões do corpo, o que não ocorre. Além do mais, como nos escreve Merleau-Ponty, o membro fantasma ataca até aqueles pacientes de lesões cerebrais que nunca sofreram mutilação alguma (cf. Merleau-Ponty 1, 115). Logo, as explicações que

delimitam o membro fantasma ao campo somático mostram-se limitadas e, em algumas vezes, incapazes de chegar a um diagnóstico conclusivo. É a fraqueza do paradigma objetivo do em-si que Merleau-Ponty aqui quer explicitar, encarnado numa fisiologia mecanicista e fiadora duma causalidade linear, na qual há a prevalência do exterior.

Contudo, se trasladássemos esse distúrbio ao campo das especulações psicológicas, teríamos menos sucesso, logo nos enredaríamos nas mesmas dificuldades do mecanicismo e da causalidade linear. Não somente um ferimento ou uma mutilação, mas Merleau-Ponty coloca que também “uma emoção, uma circunstância que relembre as do ferimento fazem aparecer um membro fantasma em pacientes que não o tinham.” (Merleau-Ponty 1, 115). Vicissitudes do psiquismo e circunstâncias influem também no aparecimento do membro fantasma, a ponto até mesmo de reabsorvê-lo no coto e fazê-lo desaparecer sem qualquer sinal orgânico mais claro ou alguma alteração significativa no estado de saúde do paciente. Relacionar estritamente o membro fantasma a fenômenos somáticos é portanto enxergar somente uma das faces do fenômeno do corpo, ignorando sua amplitude e sua complexidade; porém, a entrada em cena do psiquismo e da subjetividade arrastam a experiência corporal para um plano ambíguo, no qual a aplicação de categorias é problemática.

Tal é o mesmo impasse que se encontra na observação da anosognose, moléstia que curiosamente é a antípoda do membro fantasma: nela, o doente aparentemente não possui nenhum defeito físico, mas ignora uma das partes de seu corpo, como um braço ou uma perna, que nele é parcialmente insensível e a qual o doente até mesmo chega a tratar como um anexo inerte, uma “serpente longa e fria” atada ao seu corpo (Merleau-Ponty 1, 116). Tal qual no membro fantasma, há aqui um curioso fenômeno de ambivalência: nos mutilados, encontrávamos uma ausência sentida como presença efetiva, já nos anosagnósicos o que se observa é

uma presença concreta que é tomada erroneamente como ausência ou falta. Se adotássemos uma explicação pautada exclusivamente no corpo como objeto material, a anosognose seria um erro grosseiro, pois o braço ignorado continua ali, como uma peça perfeitamente encaixada no todo do aparato corporal. Porém, abordá-la como uma espécie de esquecimento ou desvio deliberado por parte do paciente, como um tipo de “recalque orgânico”, ou seja, aplicando-se a categoria diametralmente oposta da psicologia, também não nos conduz a uma conclusão plausível: de quaisquer perspectivas que se abordem os dois problemas, o que se impõe é uma espécie de disjunção exclusiva, ou causalidade objetiva ou *cogitationes*, o em-si ou o para-si, sem que haja uma articulação entre ambas.

Não se trata aqui de escolher entre alternativas de paradigmas ou de enquadrar o fenômeno numa categoria; o que Merleau-Ponty procura é o meio em que se articulam as duas ordens de fenômeno, o domínio no qual não haja clivagem entre em-si e para-si, entre a alma e o corpo, entre a causalidade objetiva e a subjetividade. Só uma tal instância seria capaz de reunir as duas dimensões e de dar razão de suas ambiguidades e ambivalências.

“É preciso compreender então como os determinantes psíquicos e as condições fisiológicas engrenam-se uns aos outros: não se concebe como o membro fantasma, se depende de condições fisiológicas e se a este título é o efeito de uma causalidade em terceira pessoa, pode *por outro lado* depender da história pessoal do doente, de suas recordações, de suas emoções ou de suas vontades.” (Merleau-Ponty 1, 116)

Certamente, o membro fantasma e a anosognose não são apenas processos em terceira pessoa, visto que não dependem exclusivamente do corpo e de suas condições fisiológicas; posto que também não se limitam à primeira pessoa, pois não são, como vimos, desvios deliberados ou

pensamentos elaborados pela vontade do paciente, mero derramamento do psíquico no terreno do somático. Primeira ou terceira pessoa, a particularidade do subjetivo frente ao anonimato generalizante, tal é o impasse que se nos apresenta. Como Merleau-Ponty responde a tal impasse?

O filósofo vai curiosamente buscar suas respostas na observação dum experimento comportamental aplicado com insetos. Sua escolha não é por acaso ou por capricho: no comportamento instintivo do inseto submetido à experiência é impossível operar uma distinção entre categorias, ou seja, ele se encontra de tal maneira engajado em seu ambiente e aberto aos seus estímulos que é incapaz de separar o que é da ordem do corporal e o que é da ordem do psíquico.

Ora, poderíamos então facilmente afirmar que o comportamento instintivo do inseto é unicamente uma reação mecânica e pré-programada aos estímulos exteriores; contudo, há um inusitado fenômeno de substituição no uso das patas que ocorre quando ele é mutilado ou aprisionado, que é o que Merleau-Ponty aborda a seguir:

“Quando, em um ato instintivo, o inseto substitui a pata cortada pela pata sã, isso não significa, nós o vimos, que um dispositivo de auxílio previamente estabelecido se substitua por desencadeamento automático ao circuito que acaba de ser posto fora de uso. Mas também não significa que o animal tenha consciência de um fim a atingir e use seus membros como diferentes meios, pois então a substituição deveria produzir-se a cada vez em que o ato fosse impedido, e sabe-se que ela não se produz se a pata apenas está presa.” (Merleau-Ponty 1, 117)

Em resumo, quando a pata está presa, o inseto não necessita fazer a sua substituição, pois ele ainda conta com seus movimentos e sua disponibilidade; o que não ocorre quando ela é seccionada e o inseto

precisa operar uma reorganização de sua estrutura corporal. O que muda no inseto é a maneira pela qual ele investe de sentido os seus reflexos e os encaixa numa situação concreta; em resumo, quando há a necessidade de substituição da pata o inseto altera a maneira pela qual o seu corpo se abre e se projeta no mundo que o envolve.

Como já foi exposto, não há mecanismos sensório-motores programados e previamente engatilhados para que a substituição ocorra em determinada situação, como se o corpo do inseto fosse dotado de instrumentos de emergência; frente à mutilação, ele simplesmente altera o uso que comumente faz de seu corpo, ele adota um comportamento diferenciado. Também não se trata duma decisão planejada e/ou presumida, pois não podemos falar de consciência de si num ser vivo de tal proporção sem cair numa hipótese absurda e fantasiosa. O que está por trás do fenômeno de substituição das patas, escreve-nos o filósofo, “é o movimento do ser no mundo” (Merleau-Ponty 1, 117), isto é, é a maneira pela qual, através de seu corpo capaz de perceber e de projetar-se no mundo sensível que o rodeia, o inseto se engaja em uma situação concreta e a investe de sentido.

Descobrimo-se esse “ser em situação” e esse engajamento mundano que é proporcionado pela percepção, os reflexos corporais não podem mais ser reduzidos a uma soma de dados isolados colhidos pela sensibilidade; ao percebê-los, o corpo os desdobra numa situação, inserindo-os num contexto global organizado como um campo perceptivo. Os dados sensíveis não são mais dados isolados, eles se estendem e se correlacionam com o seu horizonte total. Podemos estender a reflexão até o domínio da subjetividade: o pensamento deixa de ser assim um projeto particularíssimo, restrito à primeira pessoa e à interioridade do *Cogito*, para se transformar na intenção total do sujeito ao se dirigir ao mundo. Desta maneira, conclui Merleau-Ponty que “o reflexo, enquanto se abre ao

sentido de uma situação, e a percepção, enquanto não põe primeiramente um objeto de conhecimento e enquanto é uma intenção de nosso ser total, são modalidades de uma *visão pré-objetiva* que é aquilo que chamamos de ser no mundo.” (Merleau-Ponty 1, 118-119)

Será esse domínio da experiência pré-objetiva que unirá os dois paradigmas extremos, o do em-si e do para-si, o exterior ou o interior, a causalidade objetiva e as *cogitationes*, ou, lançando mão do jargão cartesiano, a *res cogitans* e a *res extensa*, propiciando a sua articulação através dum ponto comum no qual inexistente a clivagem do pensamento objetivo. Contudo, não se trata duma síntese ulterior entre as duas posições paradigmáticas, mas antes duma experiência prévia, na qual a separação é sempre posterior.

Logo, remontando ao pré-objetivo, as categorias aferradas aos processos em primeira e terceira pessoa se dissolvem; os dois paradigmas antagônicos, diametralmente opostos, rivais ao extremo, agora se confundem entre si, entrelaçados numa mesma dimensão originária, abarcados num esteio comum. Assim sendo,

É por ser uma visão pré-objetiva que o ser no mundo pode distinguir-se de todo processo em terceira pessoa, de toda modalidade da *res extensa*, assim como de toda *cogitatio*, de todo conhecimento em primeira pessoa- e que ele poderá realizar a junção do ‘psíquico’ e do ‘fisiológico’. (Merleau-Ponty 1, 119)

Retornemos aos casos do portador do membro fantasma e do anosagnósico, transplantando a eles as conclusões que Merleau-Ponty tirou do exame do comportamento do inseto e a constatação duma visão pré-objetiva subjacente a todos os fenômenos perceptivos.

Caso adotássemos uma das explicações díspares que nos são oferecidas pelo pensamento objetivo, seja do lado da fisiologia e seja do

lado da psicologia, os diagnósticos do membro fantasma e da anosognose seriam excludentes, suas justificativas seriam por demais limitadas e, obviamente, não conduziriam a quaisquer conclusões mais sólidas. Se nos fiássemos no paradigma fisiologista, o membro fantasma nada mais seria senão a persistência de estimulações interoceptivas numa região do corpo que não mais existe, e os sintomas do anosognóstico, por sua vez, seriam a sua supressão ou a perda de sensibilidade num membro aparentemente saudável (cf. Merleau-Ponty 1, 119-120). Nos dois casos, adotando-se os juízos emitidos pelo pensamento fisiologista, tratar-se-ia tão-somente dum funcionamento anômalo da estrutura neural do paciente, um prolongamento e uma interrupção errôneos em cada um dos doentes.

Porém, reportando-nos às explicações da psicologia, não encontramos ainda um terreno firme. Nela, a fraqueza é tão evidente quanto nas conclusões dum exame estritamente fisiológico. A ambiguidade das duas moléstias é encarada pela psicologia como a permanência de certas representações, matizadas como pensamentos ou juízos do sujeito em relação ao seu corpo e às partes dele. Deste modo, o membro fantasma, enquanto presença invisível dum braço ou duma perna já ausentes, é definido como uma recordação, juízo positivo ou uma percepção, e, do outro lado, o membro esquecido do anosognóstico é análogo a um esquecimento ou juízo negativo (cf. Merleau-Ponty 1, 120). Segundo este paradigma, tais distúrbios na infraestrutura do corpo dependem unicamente das *cogitationes* dum sujeito absoluto, residente na sua subjetividade interna, cujo corpo é apenas um invólucro carnal do qual ele é capaz de decidir tudo. Tal como nas explicações fisiológicas, o impasse não se resolve, não alcança um desfecho. A problemática continua em aberto.

Agora desloquemos o problema para o domínio do ser no mundo, isto é, para a experiência *pré-objetiva* que a análise do comportamento do inseto nos trouxe a lume. O pequeno inseto, enfrentando um problema

de ordem prática, isto é, a obstrução de suas ações sensório-motoras através da imobilização de seu corpo ou de sua mutilação, faz um uso diferenciado de suas funções corporais, refletindo o impasse que lhe é imposto pela situação na qual está mergulhado. O inseto substitui a pata quando sofre a mutilação ao perceber que ele não conta mais com os movimentos e a sensibilidade da pata cortada; por esse motivo é que ele não a substitui quando ela está somente imobilizada, pois o membro preso, ao contrário do seccionado, ainda está *aberto* ao mundo, às suas solicitações e às suas possibilidades. O problema não está em determinar o domínio fisiológico e psicológico, mas em entender tais fenômenos a partir do engajamento do sujeito em seu mundo através do corpo integral, e não de uma ou outra de suas províncias.

Como a experiência do inseto pode nos ajudar a esclarecer os dois fenômenos, que vínhamos discutindo até então? Será possível, de que maneira e por quais vias, ligar o experimento comportamental do inseto e suas conclusões aos problemas ambíguos diretamente relacionados ao membro fantasma e à anosognose? Os dois domínios se aproximam quando pensamos o corpo como engajado numa situação concreta, aberto a ela pela percepção e profundamente envolvido no ambiente mundano segundo as suas respostas sensoriais e motoras. Assim, pois,

Aquilo que em nós recusa a mutilação e a deficiência é um Eu engajado em um certo mundo físico e inter-humano, que continua a estender-se para seu mundo a despeito de deficiências ou de amputações, e que, nessa medida, não as reconhece *de jure*. A recusa da deficiência é apenas o avesso de nossa inerência a um mundo, a negação implícita daquilo que se opõe ao movimento natural que nos lança a nossas tarefas, a nossas preocupações, a nossa situação, a nossos horizontes familiares. (Merleau-Ponty 1, 121)

Dito dessa maneira, encontramos o membro fantasma como uma região corporal que, mesmo ausente e desligada de todo o aparato sensório-motor, ainda persiste em se manter aberta ao seu mundo, retendo até mesmo os caracteres sensíveis do momento de sua destruição (no caso, como já expusemos, da paralisação de sua posição no momento da mutilação e da dor ainda presente dos estilhaços do obus que o ferira). Já no anosagnóstico o que há é o fenômeno oposto, o fechamento ou a recusa do mundo localizada num dos membros, que não mais se move e não mais sente o meio circundante, omitindo-se a responder ao que o mundo lhe solicita.

Logo, desvelamos, através dessas conclusões parciais, a importância capital do corpo na filosofia de Merleau-Ponty: “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles.” (Merleau-Ponty 1, 122). Entretanto, ao colocar o corpo no centro da existência, Merleau-Ponty acaba também por lançar luz sobre o fenômeno da ambiguidade. Tomemos esse questionamento de outra perspectiva: como o mundo pode ainda solicitar determinados comportamentos e condutas, certos movimentos e reações sensoriais, de um corpo que é incapaz de engajar-se nelas, como no caso do portador do membro fantasma?

Esse é o caso paradoxal do mutilado; embora seu corpo seja o pivô de sua existência, o veículo com o qual ele se dirige ao seu mundo, este ainda o obriga a manejar objetos movimentando o seu braço ausente. De certa maneira, o paciente retém o uso que no passado ele fazia de seu corpo, do tempo anterior ao seu ferimento de guerra, e tal sedimentação de gestos e reações motoras ainda aflora no seu corpo atual e nas situações mundanas em que ele atualmente está inserido. O paciente, como cita Merleau-Ponty no interior de seu texto, continua a tentar pegar e mover objetos com a mão

do membro fantasma, utilizando-se do coto como se ali ainda houvesse seu membro; mesmo o fracasso de suas tentativas não o desencoraja da tarefa.

Do interior de sua ambiguidade, o corpo do doente ainda percebe tais objetos como manejáveis, embora a parte de seu corpo que se abria a tal fenômeno não exista mais. Como isso é possível, indaga o autor? Como a existência pode comportar tal ambiguidade? Será um erro por parte da percepção do indivíduo ou um distúrbio nas solicitações do mundo sensível?

Novamente, é preciso ultrapassar as antinomias do em-si e do para-si. Desçamos ao reino da experiência pré-objetiva e pré-pessoal, onde não existe ainda essa separação em categorias. Nela convivem em harmonia tanto a dimensão pessoal quanto a generalidade; assim, a ambiguidade deixa de ser um juízo errôneo para se tornar um caractere intrínseco da experiência. Assim, sobre as solicitações dirigidas ao membro inexistente e à ambivalência de tal experiência perceptiva, adverte-nos Merleau-Ponty de que “é preciso que o manejável tenha deixado de ser aquilo que manejo atualmente para tornar-se aquilo que *se* pode manejar, tenha deixado de ser um *manejável para mim* e tenha-se tornado como que um *manejável em si*.” (Merleau-Ponty 1, 123). O corpo, antes limitado pela dimensão do para-si, agora descobre uma região de generalidade que lhe é própria; em resumo, o uso que se faz atualmente do corpo depende de toda uma sedimentação de seu passado, impressa em hábitos, gestos e cacoetes. É isso o que permite a Merleau-Ponty caracterizar a ambiguidade do corpo como a sua composição em duas camadas existenciais, a saber, o *corpo habitual* e o *corpo atual* (cf. Merleau-Ponty 1, 122), sendo que o primeiro é o “fiador” deste último. Assim, no mutilado, as intenções motoras solicitadas ao seu braço fantasma fazem referência a esse corpo habitual, que se faz presente na atualidade mesmo quando seu braço está ausente. A ambiguidade aqui não é mais um problema, mas faz parte da estrutura de seu ser no mundo.

O corpo, que opera tanto o fechamento quanto a abertura ao seu mundo, comporta harmonicamente essa mescla de generalidade e atualidade.

Saímos desse modo da disjunção exclusiva entre as duas alternativas, o impasse que era suscitado pelos paradigmas do pensamento cartesiano. A ordem do em-si e do para-si, representados pelo corpo habitual que mantém o passado vivo e no corpo atual que desfêcha a existência em situação, agora são as duas faces da mesma moeda, duas dimensões constitutivas dum único fenômeno, advindas duma origem comum encontrada na vivência do pré-objetivo. Entre elas não há separação ou isolamento; tal clivagem só ocorre num momento posterior, quando da necessidade de elaboração dum discurso e dum pensamento objetivo, como é o caso das ciências empíricas e seus juízos e asserções. Entretanto, na experiência que dá sustentação a qualquer objetividade, nessa experiência originária e espontânea do ser no mundo, nessa existência mundana mais direta e autêntica, o que encontramos primeiramente é uma oscilação entre os atos em primeira e terceira pessoa que, contudo, não os separa, mas reforça a sua imbricação, como salienta Ramos:

Há assim um movimento integrado da existência normal que pendula entre os atos em terceira pessoa e os atos pessoais, sem que isso signifique uma desintegração da conduta. Quer dizer, neste caso, o corpo próprio retoma ou mobiliza os hábitos adquiridos (o passado do sujeito), mas também se abre para novas aquisições (ou seja, ele se projeta num presente vivo que reativa o passado, e se dirige a um futuro inédito ao improvisar e, conseqüentemente, adquirir novos comportamentos). O doente, por sua vez, é um ser fragmentado e fadado à repetição de um tempo perdido. (Ramos 3, 74)

A experiência do recalque, que Merleau-Ponty toma de empréstimo

da psicologia, clarifica ainda mais o fenômeno da ambigüidade temporal vivenciada pelo portador do membro fantasma. Num objeto material, regido por leis mecânicas, como queria a fisiologia ao abordar o corpo humano, seria impossível falar de uma tal ambigüidade, especialmente se ela levar em conta o passado e a atualidade do objeto. Com isso, retornamos à reflexão com a qual iniciamos esse trajeto, para alcançar enfim o cerne das objeções que Merleau-Ponty move em direção ao fisiologismo mecanicista: num objeto mecânico, cujos movimentos se caracterizam pela linearidade e regularidade entre estímulo e reação, cujas reações mecânicas estão previamente determinadas e são perfeitamente previsíveis, não há espaço para a sedimentação de um passado e a sua conseqüente atualização. Os objetos mecânicos não conhecem o tempo, não guardam o passado, não constroem hábitos, não acumulam memórias; seu horizonte é o das determinações imóveis do presente, e, sendo um prisioneiro do puro atual, não há espaço para uma mudança nas suas reações ou para um uso diferenciado de seus movimentos. Em resumo, para um objeto como esse dos mecanicistas, não há engajamento, não há ser no mundo.

Entretanto, o corpo não é um objeto estritamente material; ele arrasta consigo todo o seu passado sedimentado, projeta-se no seu presente com vistas a um futuro ainda em estado virtual e reage de maneiras diferenciadas ao mundo que o engloba e o inquire, sempre levando em conta as configurações da situação na qual está inexoravelmente engajado, com seu corpo ora abrindo-o e ora fechando-o à experiência perceptiva do mundo. O sujeito está, desde o início, encarnado num corpo que é ambíguo, amparando uma experiência existencial que é ambígua em seu âmago. Por isso, não sendo uma mera máquina corpórea, não há mais sentido em se falar de separação entre corpo e alma, entre sujeito e meio exterior, entre para-si e em si.

Entretanto, isso é o que descobre Merleau-Ponty ao interrogar de

dentro os postulados científicos elaborados pela fisiologia clássica. E quanto ao outro lado, o dos juízos da psicologia, o que o filósofo questiona neles? O que Merleau-Ponty descobre ao perscrutar o domínio da subjetividade absoluta, ou seja, quando o corpo é abandonado em detrimento das representações do intelecto? Como ele resolverá o impasse a partir de seu outro lado, articulando-o com a descoberta das duas camadas existenciais do corpo? Examinemos a seguir as suas objeções quanto aos juízos da psicologia clássica.

## **2. A experiência do corpo vista pela psicologia clássica: contribuições e objeções**

A psicologia clássica, segundo o filósofo, é a primeira a se afastar das interpretações que tomam o corpo como objeto, introduzindo em seu seio um interior, representado pelo “psiquismo”. Será essa interioridade do corpo próprio que o moverá por si mesmo e que colocará os objetos no horizonte de sua experiência, seja na aquisição de hábitos e seja no manejo e no exame perspectivo dos objetos que chegam à sua percepção, afastando-o das reações lineares do paradigma mecanicista.

Como nos mostra Merleau-Ponty, as contribuições da psicologia aprofundam a crítica aos paradigmas mecanicistas e iluminam a experiência do corpo; entretanto, ela falha ao desvelar o engajamento efetivo do corpo nos fenômenos ao recair na dimensão do psíquico e voltar a se confinar na perspectiva do para-si. É necessário, pois, analisar essas contribuições teóricas legadas pelo exame do psiquismo, para logo depois objetá-las e continuar no trajeto da articulação das ordens do em-si e do para-si. É esse o andamento que o filósofo adota para essa seção de seu texto.

Primeiramente, o corpo não é um objeto dentre outros, perfilado por entre eles, misturado ao cenário do mundo: ele “se distingue da mesa

ou da lâmpada porque ele é percebido constantemente, enquanto posso me afastar daquelas. Portanto, ele é um objeto que não me deixa.” (Merleau-Ponty 1, 133) O primeiro caractere atribuído pela psicologia clássica é a permanência, a constância do corpo próprio em todas as suas experiências sensório-motoras; e, ao denominá-lo como um objeto que nunca o abandona, faz cair por terra quaisquer interpretações objetivistas, posto que “o objeto só é objeto se pode distanciar-se e, no limite, desaparecer de meu campo visual.” (Merleau-Ponty 1, 133). Os objetos que se podem manejar estão ao alcance do corpo, seja de seus dedos ou, no caso daqueles mais afastados, na linha de seu campo visual. Da mesma maneira que estão próximos, eles podem também se distanciar, variando o grau de ação que podem sofrer; podem até mesmo desaparecer do campo da experiência sensorial. Desdobram-se em várias perspectivas, podendo ser examinados de inúmeros ângulos; logo, o objeto pode ser percebido em sua miríade de variações. Já o corpo é percebido constantemente, ele não pode ser deixado de lado, ele se mostra sempre sob a mesma perspectiva, furtando-se a uma exploração mais detalhada, nem mesmo é possível se afastar dele na experiência perceptiva. E, mais do que isso, é através dele que se pode visar e tocar os objetos exteriores.

Como emparelhar, dessa maneira, o corpo aos objetos por ele utilizados? Devido à sua permanência, como vimos, o corpo está sempre presente no campo visual do sujeito; não podemos, pois, afirmar que ele está simplesmente solto na tessitura do mundo, pois isso implicaria na possibilidade de sua dissolução ou de seu ocultamento, como acontece aos outros objetos. O corpo, por se mostrar por uma única e constante perspectiva, não se perfila sobre o horizonte o mundo; já os objetos por ele visados “só podem aparecer para mim em perspectiva, mas a perspectiva particular que a cada momento obtenho deles só resulta de uma necessidade física, quer dizer, de uma necessidade da qual posso me servir e que não

me aprisiona: de minha janela, só se vê o campanário da igreja, mas esse constrangimento me promete ao mesmo tempo que de outro lugar se veria toda a igreja.” (Merleau-Ponty 1, 134). O exemplo do prisioneiro é ainda mais assertivo: de sua cela, ele está limitado a um único ângulo, e sua visão do campanário é sempre truncada. Desse modo, o corpo permanece ao lado de toda experiência possível do sujeito, e a variação de perspectivas e inclusive o desaparecimento dos objetos de seu campo visual depende de sua posição e de sua movimentação em meio a esse cenário mundano. Ente sem perspectivas, é o corpo que as fornece.

Assim, o corpo não é mais um fragmento de matéria lançado ao mundo, com o privilégio de ser um objeto especial a ser percebido constantemente, invariável; é ele que, tal como as janelas, abre uma perspectiva sobre o mundo. Desprovido de perspectivas, mas capaz de desdobrá-las no mundo; percebido permanentemente, mas sem se reduzir a objeto; dotado de percepção, mas impossível de ser perscrutado pelas potências de seu próprio aparato sensorial: o corpo, sob o argumento da permanência proposto pela psicologia clássica, encerra em si tais contradições: “observo os objetos exteriores com meu corpo, eu os manejo, os inspeciono, dou a volta em torno deles, mas, quanto ao meu corpo, não o observo ele mesmo: para poder fazê-lo, seria preciso dispor de um segundo corpo que não seria ele mesmo observável.” (Merleau-Ponty 1, 135). Em outras palavras, é o corpo que nos abre ao mundo, é o fato de ele mesmo se furtar à nossa percepção que permite que ela se efetive.

Assim, tal presença originária não constitui somente um interior para o corpo, a moradia de sua subjetividade, a presença clara e imediata de si a si; a permanência emana um campo de potencialidades ao redor do sujeito, no qual os objetos se perfilam e se oferecem à sua experiência. É por manter essa sua permanência intrínseca que o corpo consegue sentir a presença dos outros entes e, com eles, desdobrar a sua experiência,

tornando-se seu fiador: “a presença e a ausência dos objetos são apenas variações no interior de um campo de presença primordial, de um domínio perceptivo sobre os quais meu corpo tem potência [...], como também a apresentação perspectiva dos objetos só se compreende pela resistência de meu corpo a qualquer variação de perspectiva.” (Merleau-Ponty 1, 136). Tal constância, ao abrir o campo de experiência do corpo, fornece-nos também a medida de seu engajamento na existência mundana.

A permanência é, portanto, a descoberta essencial da psicologia, mas ela não a ultrapassa; o corpo é sempre percebido ao lado de toda experiência possível, mas, para a psicologia subjetivista, tal permanência continua como avesso da experiência objetiva, e o corpo não sai de seu status de invólucro material para o pensamento. Após identificar a contribuição, Merleau-Ponty não tarda a confrontá-la com a objeção de que, caso a psicologia se debruçasse mais apuradamente sobre a permanência do corpo próprio, “podia conduzi-la ao corpo não mais como objeto do mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele, ao mundo não mais como soma de objetos determinados, mas como horizonte latente de nossa experiência.” (Merleau-Ponty 1, 136-137).

Esse é o primeiro caractere identificado por Merleau-Ponty, e também a primeira contribuição da psicologia na ultrapassagem do *parasi*; o segundo apontado pelo autor é o fenômeno das “sensações duplas”, quer dizer, de uma ambivalência interna estabelecida entre os dados dos sentidos. É a experiência de se apertar a própria mão: nesse contexto, é impossível determinar com distinção qual é a mão que toca e a mão que recebe o toque, a sensação é ambígua e o contato entre as duas mãos é confuso. Diz-nos o filósofo que “quando pressiono minhas mãos uma contra a outra, não se trata então de duas sensações que eu sentiria em conjunto, como se percebem dois objetos justapostos, mas de uma organização ambígua em que as duas mãos podem alternar-se na função de ‘tocante’

e ‘tocada’”. (Merleau-Ponty 1, 137). A ambivalência das sensações, que o psicólogo constata mas erroneamente classifica como uma duplicação de dados sensoriais, evidencia um viés afetivo do corpo em mão dupla com o mundo: ao segurar a própria mão, o corpo toca ao mesmo tempo que é tocado, o que é característico do circuito de existência. Ao mesmo tempo em que é paciente, o corpo é agente; ele é afetado pelo exterior no ato mesmo de explorar as suas regiões.

O caractere afetivo é crucial para se identificar outra fragilidade das teorias psicológicas no que tange ao corpo próprio. Se nos pautarmos apenas pelo lado da subjetividade, aos elementos do exterior caberiam certos tipos de afeto, e a eles, no momento em que influenciariam o corpo, corresponderia uma representação pontual no intelecto. O que não ocorre: indica-nos Merleau-Ponty que, no caso de um incômodo acarretado por um prego a ferir o pé, não se pensará que ele seria a “causa” ou a “representação” da dor, mas que ele é a região dolorosa mesma, ou seja, “a dor indica seu lugar, [...] ela é constitutiva de um ‘espaço doloroso’” (Merleau-Ponty 1, 138) que é intrínseco ao corpo. É o resvalar do mundo circundante na subjetividade que a experiência de dor evidencia, posto que a dor, mesmo que advinda dum afeto externo, nunca se decompõe em “pensamento de dor” ou em mero significado doloroso.

Desta maneira, na experiência afetiva, o corpo nunca é uma massa inerte e passiva; ele é, não somente pela sua permanência e pela sua capacidade imediata de reflexão, diferente dos objetos externos pela maneira com a qual projeta diante e ao redor de si um fundo afetivo, no qual esses elementos sensíveis do mundo externo se perfilam e estabelecem relações. É esse fundo afetivo que, a rigor, é o responsável por impulsionar a consciência para fora de si mesma (cf. Merleau-Ponty 1, 138), e que é involuntariamente desvelado pela psicologia clássica.

Por fim, o último caractere investigado por Merleau-Ponty é o

das “sensações cinestésicas”, isto é, dos movimentos parciais do corpo em direção a determinado fim e as sensações derivadas diretamente daí. Os psicólogos tendem a decompor o movimento total do corpo em partes objetivas e, uma vez em posse delas, reconstituir passo a passo tal movimentação, até a síntese do movimento global. A rigor, o que há é uma antecipação do final desses movimentos, ignorando-se o movimento originário desfechado pelo corpo próprio. No manejo de objetos externos, é natural que haja tal decomposição de etapas; contudo, o que podemos dizer da movimentação do corpo próprio? Será que podemos decompor sua motricidade em eventos separados, servos de um fim, como intenta tal vertente da psicologia?

O corpo, como vimos, está sempre presente; não é necessário, pois, um movimento de preparação para alcançá-lo a distância, pois “eu o movo diretamente, não o encontro em um ponto do espaço objetivo para levá-lo a um outro, não preciso procurá-lo, ele já está comigo.” (Merleau-Ponty 1, 138). Sua movimentação é, antes de tudo, espontânea, anterior ao surgimento dum espaço compartimentado e quantificável. Há para o corpo uma presença inalienável, um atestado de existência própria a qual não cabem questionamentos, um campo de presença que o harmoniza com os objetos que o rodeiam, afetando-se mutuamente e entranhando-os numa mesma duração, fazendo-os habitar um mundo comum, que exprime, em suma, esse transbordamento da subjetividade.

Assim, tal como com a fisiologia mecanicista, Merleau-Ponty faz uso dos argumentos internos de tal paradigma a fim de questioná-lo de dentro. Porém, todas essas contribuições que lhe permitiram repensar a subjetividade e superar a ordem restritiva do para-si vieram da própria psicologia, que, mesmo avançando em tais conclusões, não conseguiu ir além da subjetividade confinada ao interior. Por que, afinal, a psicologia acaba acertando em suas conclusões parciais, mas erra ao tentar dar um

passo além? Por que ela, tal como o mecanicismo, termina por defender um dos extremos do pensamento objetivista, a saber, a ordem do para-si, a subjetividade soberana face ao mundo exterior?

Para Merleau-Ponty, trata-se duma orientação teórica dos psicólogos clássicos que reforçava a separação total entre sujeito e objeto, desta vez favorecendo o primeiro, ou seja, um reforço do paradigma cartesiano de pensamento. Em suas palavras, “eles se situavam no lugar de pensamento impessoal ao qual a ciência se referiu enquanto ela acreditou poder separar, nas observações, o que diz respeito à situação do observador e as propriedades do objeto absoluto.” (Merleau-Ponty 1, 139). De certa maneira, os paradigmas da psicologia cometem os mesmos erros do mecanicismo, mas com sinal trocado; aqui, valorizou-se o sujeito em detrimento de seu mundo. É o outro polo da problemática.

Os psicólogos que se pautam por tal matriz teórica, nas conclusões do autor, tomam como objeto de seus estudos o “psiquismo”, ou seja, a vida da consciência devidamente objetivada e, distanciando-se dele, isolando-se tal qual na relação entre sujeito e objeto, limitam-se a determinar suas leis e suas relações através de um pensamento impessoal, uma visão de sobrevoos, para utilizarmos um célebre bordão merleau-pontyano. Assim, mesmo que suas conclusões parciais abrissem uma brecha para novas considerações filosóficas, a psicologia clássica enfocada por Merleau-Ponty se esquece do fundo existencial fundado pelo subjetivo e, desprezando toda a riqueza da vida da consciência, limita-se a tomar os fenômenos mentais como simples *atos*. O corpo, por sua vez, não tarda a recair no plano da representação intelectual; o subjetivismo de cunho cartesiano se fortalece.

Novamente, o problema das relações entre alma e corpo; novamente, o impasse do pensamento objetivo, agora pendendo para o lado do intelecto. Desta maneira, alerta-nos Merleau-Ponty de que

A incompletude de minha percepção era compreendida como uma incompletude *de fato*, que resultava da organização de meus aparelhos sensoriais; a presença de meu corpo, como uma *presença de fato* que resultava de sua ação perpétua sobre meus receptores nervosos; enfim, a união entre a alma e o corpo, suposta por essas duas explicações, era compreendida, segundo o pensamento de Descartes, como uma *união de fato* cuja possibilidade de princípio não precisava ser estabelecida porque o fato, ponto de partida do conhecimento, eliminava-se de seus resultados acabados. (Merleau-Ponty 1, 140)

Contudo, por se colocar justamente numa perspectiva impessoal e destacada do mundo, a mirá-lo duma distância segura, o psicólogo, na visão do filósofo, ignora que é o seu próprio psiquismo que está sendo analisado, que são as leis universais da vida de sua consciência que estão em evidência. Ao enumerar fatos em seus estudos, o pesquisador também ignora a abertura originária ao mundo que é sua raiz, seu fundamento, o campo primordial de vivências que lhes confere um significado. É o campo afetivo da consciência do qual já falamos que é necessário retomar.

Deste modo, ser uma consciência não é se fechar no interior da subjetividade e, uma vez encastelado nessa dimensão, contemplar um mundo representado. Pelo contrário: “ser uma consciência, ou, antes, *ser uma experiência*, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles. Ocupar-se de psicologia é necessariamente encontrar, abaixo do pensamento objetivo que se move entre as coisas inteiramente prontas, uma primeira abertura às coisas sem a qual não haveria conhecimento objetivo.” (Merleau-Ponty 1, 142).

Sendo assim, reencontramos também nas análises da psicologia clássica a experiência do pré-objetivo, testemunha dessa abertura primeira

do corpo ao mundo, anterior às separações categoriais, meio onde se encontram unidas, anterior à sua polarização, as ordens do somático e do psíquico. É a pá de cal jogada sobre o corpo reduzido a objeto material do mundo e sobre a representação nascida do intelecto: por impor uma perspectiva sobre o mundo, por se *situar* em seu estofo e não acima ou numa dimensão lateral, é o corpo que, pela sua permanência, garante o acesso do sujeito à esfera mundana. Poderíamos dizer mais: que é pela ação do corpo que o subjetivo ganha o exterior, ou que o para-si da interioridade psíquica transborda para além de suas fronteiras.

### 3. Considerações finais

O “paradigma cartesiano de pensamento”, ou seja, a separação entre a alma e o corpo, uma das mais conhecidas fórmulas filosóficas, é objeto de críticas constantes por parte de Merleau-Ponty. Nele, as relações entre ambas as dimensões ontológicas são marcadas por uma forte oposição: ambas são substâncias separadas, distintas entre si, cada uma com a sua dimensão própria. Tanto nas críticas à fisiologia mecanicista quanto na análise dos discursos da psicologia clássica, o filósofo desemboca inexoravelmente no domínio do pré-objetivo. É essa dimensão que está antes das categorias, que é subjacente aos discursos categoriais da fisiologia e da psicologia, que permite dar ao corpo percipiente e às suas capacidades sensório-motoras um novo estatuto filosófico: o de veículo da existência, acesso ao ser através da percepção do mundo e, em outras palavras, como o *ser no mundo mesmo*. Ser no mundo é, antes de tudo, ter um corpo em contato permanente com um mundo de caracteres sensíveis.

O paradoxo do corpo habitual e atual, reforçado pelos sintomas do membro fantasma e da anosognose, além de contestar o argumento do corpo como um objeto material como os outros, contamina-o com o germe

da duração e da temporalidade: pelo hábito, o corpo traz consigo, em perene atualização e retomada, todo o seu passado. Já o campo afetivo da subjetividade que entrevemos pela análise dos argumentos dos psicólogos, especialmente no que toca à permanência do corpo próprio e à sua capacidade de afetar e ser afetado pelo mundo que o cerca, confere-lhe um horizonte, um campo de possibilidades de experiência, em resumo, abre-o para um devir, para uma dimensão futura. Reforça-se, portanto, a duração que já era entrevista nas análises da fisiologia. Se o corpo tem um passado, não podemos mais considerá-lo como um objeto estável e regido por leis mecânicas, como queriam os fisiologistas; já se ele emana ao redor de si um campo de virtualidades, que nada mais é do que o transbordamento da subjetividade no exterior, também não mais podemos contar com a impessoalidade e a atemporalidade dum intelecto soberano.

Portanto, o corpo que emerge das reflexões de Merleau-Ponty é o pivô da existência primeiramente porque ele a acompanha em todos os seus passos; é ele que pulsa nessa duração subjacente a todas as vivências do ser humano, fazendo a junção entre seu passado e seu devir. O corpo como pivô da existência é, por si só, atualidade mesma. É nele que se deposita a dimensão temporal, é no corpo pré-objetivo que o somático e o psíquico não travam conflito algum.

#### BEYOND THE OBJECT BODY AND THE INTELLECTUAL REPRESENTATION: HOW MERLEAU-PONTY REDISCOVERS THE BODY AS THE EXISTENCE'S VEHICLE.

**Abstract:** This essay analyses the objections made by Merleau-Ponty to what he calls “cartesian paradigm of thinking”, the separation between soul and body. Concentrating in the two first chapters of *Phénoménologie de la perception*'s first part, it's an intent to identificate, in the critics directed to the mechanist physiology and to the subjective psychology, how the philosopher gives a new philosophical statute for the sensitive

body, putting it as the main existence's vehicle, in the same time that he rediscovers the pre-objective experience.

**Keywords:** Merleau-Ponty; existence; body; subjectivity, physiology.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
2. FERRAZ, Marcus Sacrini Ayres. *O transcendental e o existente em Merleau-Ponty*. São Paulo: Humanitas, 2006.
3. RAMOS, Silvana de Souza. *A Prosa de Dora: Uma leitura da articulação entre natureza e cultura na filosofia de Merleau-Ponty*. São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Filosofia). FFLCH, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo.

#### NOTAS:

1. Observemos o comentário de Marcus Ferraz: “O território em que o psíquico e o somático estão integrados é a dimensão em que eles *ainda não* foram cindidos. Na vivência encarnada do ser no mundo, no movimento de transcender-se em um meio significativo, não há separação entre ambos, e sim a experiência de um ‘corpo habitual’, ou seja, de um conjunto de respostas às situações mundanas que se sedimentam e podem mesmo ganhar autonomia em relação à consciência atual do corpo.” (Ferraz 2, 88-89). Não falaremos diretamente da contraposição entre corpo habitual e corpo atual nessa passagem; ela aparecerá em breve em nosso texto. Por ora, da leitura do comentador e do texto merleau-pontyano, descobrimos o pré-objetivo como um elemento subjacente ao pensamento objetivo, e não como a sua contraparte. Deste modo, tanto a objetividade quanto a subjetividade se radicam nesse domínio originário da experiência, nessa vivência primeira e espontânea do ser no mundo. A cisão, portanto, é secundária e dependente. Merleau-Ponty identifica a experiência

pré-objetiva justamente num ser irracional pelo mesmo motivo que se utiliza de exemplos de doente para clarificar os meandros da percepção: é nessas situações nas quais o pensamento objetivo está ausente que se verifica a presença preponderante de seu fundamento, na qual só se pode encontrar esse engajamento mundano primordial. Em resumo, nas situações que escolhe para analisar, Merleau-Ponty parte não das categorias mas da vivência bruta e espontânea, o que seria dificultoso (para não se dizer problemático) se ele tomasse as categorias objetivas como ponto de partida. Trata-se, a rigor, duma questão de método que é suscitada pelo próprio pré-objetivo.

2. É interessante notar como Merleau-Ponty busca conceitos em outros ramos do conhecimento, no caso a psicologia, para iluminar os estudos e reflexões que elabora ao longo de sua filosofia. No caso do membro fantasma, quando uma determinada recordação ou contexto emocional o manifestam no doente, a associação com o recalque do qual fala a psicanálise é inevitável. Escreve-nos o filósofo sobre o recalque que ele “consiste em que o sujeito se empenha em uma certa via [...], encontra uma barreira nessa via e, não tendo força nem para transpor o obstáculo nem para renunciar ao empreendimento, permanece bloqueado nessa tentativa e emprega indefinidamente suas forças em renová-la em espírito.” (Merleau-Ponty 1, 123) A rigor, o indivíduo recalcado ou traumatizado tem a existência imobilizada por um episódio ou elemento de seu passado, que o impede de se projetar ao futuro, condicionando-o a um horizonte impossível que ele não cessa de alimentar em cada segmento de sua vida. Aqui vemos o peso do passado que o corpo atual é fadado a carregar: toda recordação, ou qualquer elemento que faça referência a ela, como no caso dos mutilados que ainda sentem o membro inexistente na extremidade do coto, reabre esse passado, torna-o presente a quem o viveu e obriga o indivíduo a retomá-lo a partir de sua atualidade. Por outro lado, em se considerando o retorno inesperado dessa vivência passada, “todo recalque é a passagem da existência em primeira pessoa a um tipo de escolástica dessa existência, que vive para uma experiência antiga ou antes para a recordação de tê-la tido” (Merleau-Ponty 1, 124). O recalque, tal como a permanência dum braço fantasma, aprisiona o sujeito numa experiência em terceira pessoa, isto é, dissolve a experiência do atual no anonimato e na generalidade. Como no exemplo apontado por Merleau-Ponty nessa altura do texto, o indivíduo continua a se empenhar num amor adolescente ou numa obra malfadada, mesmo sabendo-os impossíveis, embora novas experiências e novos fatos vão lhe acontecendo. Porém, essas experiências são arroladas num domínio geral e vivenciadas pelo sujeito em seu anonimato, tendo pouca ou nenhuma influência em seus projetos pessoais. Além de reforçar o fenômeno

de ambiguidade temporal do corpo em sua marcha existencial, o recurso a conceitos advindos de outros domínios do conhecimento é, mais do que um recurso estilístico frequentemente empregado por Merleau-Ponty, uma maneira de colocar a filosofia em diálogo com a experiência integral do ser humano.

---



---

## TRADUÇÃO

---



---

### APRESENTAÇÃO À TRADUÇÃO DE *AD ETHICAN B. DE SP.* DE LEIBNIZ

Leibniz recebeu a *Opera posthuma* de Espinosa em 1678, provavelmente depois de 25 de janeiro\* (quando Schuller comunica o envio dela a Leibniz) e, a partir dessa data, fez uma série de anotações nas margens de seu exemplar. Sem a preocupação de relacionar os textos comentados entre si, leu, sugere Belaval\*\*, como um criador, a partir de sua própria filosofia.

Há dois manuscritos de Leibniz sobre a *Ética* de Espinosa: um comentário mais detido sobre a parte I da *Ética* (publicado por Gerhardt em 1875: Leibniz – *Die philosophischen Schriften*. Ed. C. I. Gerhardt, 7 vols., Berlin, Halle: 1949-63; reimpressão Hildesheim, 1962 – vol. I, p.139-150) e uma releitura dos cinco livros da *Ética* na qual Leibniz redefine de maneira muito breve, em notas curtas, alguns conceitos espinosanos (publicado por Grua: *Textes inédits*. Ed. G. Grua. Paris: PUF, 1948 – vol. I, p.277-286). A tradução que agora apresentamos é do primeiro desses manuscritos, escrito, certamente depois de uma segunda leitura do livro I

---

\* Cf. Morfino, V. – *Spinoza contra Leibniz. Documenti di uno scontro intellettuale (1676-1678)*. Milano: Edizioni Unicopli, 1994. – p.115.

\*\* Belaval, Y. – “Leibniz lecteur de Spinoza” in *Archives de philosophie*, 1983, 4.